

Fim-de-Semana



EDIÇÕES NOVEMBRO

1919 - 2019

Cem anos de Luceu Vieira Dias

Amplamente considerado como o Pai da Moderna Música Popular Urbana Angolana, Luceu Vieira Dias, fundador do grupo musical Ngola Ritmos, comemoraria no passado 1 de Maio cem anos de vida. A data não passou despercebida. Sob iniciativa do Centro de Estudos Africanos da UCAN, o centenário foi celebrado com debates, exposição de fotografias, apresentação de livros, exibição de filmes e um espectáculo de gala.

Curiosidades + Comer fora + Comer em casa + Reportagem + Cultura + Roteiro de casa + Roteiro de rua

Horóscopo

Carneiro de 21/03 a 20/04
Período de bem estar, favorável aos cuidados com o corpo, ao prazer e à comunicação. É uma nova fase para assuntos materiais. A semana pede mais atenção e responsabilidade sobre as finanças e tudo que é mais prático e concreto. É hora de colher resultados, enquanto planta mais novidades.

Touro de 21/04 a 20/05
Nova fase está a começar. E a semana é maravilhosa para começar coisas novas. Vale também mudar de hábito, postura ou atitude. É uma fase de maior busca pelo prazer e pela alegria de viver. Seja mais feliz e criativo em tudo que fizer. Foco em você.

Gêmeos de 21/05 a 20/06
É um ótimo momento para se conectar consigo mesmo, geminiano. Olhe com carinho para tudo que está sentindo, sem medo de mudar o que for preciso em você. Conversar com amigos pode ser estimulante e abrir a sua mente para novas ideias. Que tal marcar alguns cafés com gente com quem você gosta de conversar?

Caranguejo
de 21/06 a 21/07
A semana é ótima para fazer *networking*, canceriano. Também para estar com amigos divertidos, com quem você possa ter conversas animadas. Cuidado com a ansiedade e a sensação de urgência que pode levar a uma decisão impulsiva. E nada de fazer as coisas porque alguém falou que seria bom. O que você quer, afinal?

Leão
de 22/07 a 22/08
Um novo ciclo profissional começando, leonino. É hora de colocar sua a energia naquilo que quer e trabalhar nessa direcção. Uma nova proposta profissional pode chegar e trazer uma mudança de vida. Mas seja coerente com os seus valores em tudo que fizer. A semana também é boa para as viagens.

Virgem
de 23/08 a 22/09
Uma linda semana para viagens e estudos, virginiano. E se não tem nada disso para esse período, pode sentar e planejar para um futuro próximo. E se você precisa mudar coisas em sua vida, a hora é essa! Concentre-se nisso e faça alguns movimentos.

Balança
de 23/09 a 22/10
Sua chance de organizar melhor a rotina e ter mais qualidade de vida, libriano. Mas fique super atento às novas oportunidades de trabalho e tudo que possa ser incluído de forma positiva na sua rotina. O céu favorece muito cuidados com a saúde e pede momentos de diversão, prazer e mais criatividade.

Escorpião
de 23/10 a 21/11
Foco em suas relações, escorpiano, inclusive se abrindo para novos relacionamentos e possibilidades. Novas parcerias de trabalho podem trazer bastante crescimento. O céu ajuda-te a cuidar do que de facto interessa e deixar sua rotina mais positiva e produtiva. Seja criativo e mantenha o bom humor na hora de encontrar saídas.

Sagitário
de 22/11 a 21/12
O céu da semana é maravilhoso para começar coisas novas de trabalho, sagitariano. Tente focar mais em cuidar de seus projectos mais prazerosos e criativos, naquilo que te faz bem. A semana é boa para repensar os seus hábitos e buscar mais qualidade de vida. Tente se divertir sempre que puder.

Capricórnio
de 22/12 a 20/01
Uma semana especialmente positiva em termos de prazer e diversão, capricorniano. O céu pede-te para estar mais próximo dos amigos, dos amores, da família, das pessoas que você ama. Um momento especial para resgatar prazeres e actividades que te fazem bem. Criatividade em alta e um bom momento para cuidar da casa.

Aquário
21/01 a 19/02
É um lindo céu para comunicação, aquariano. E também para viagens, cursos, eventos culturais e intelectuais, conversas, divulgações, reuniões, e tudo que envolva pensar, aprender, falar, negociar ou compartilhar. Um momento mais movimentado e que inclui ganhos e resultados concretos.

Peixes de 20/02 a 20/03
A semana é maravilhosa para comunicação, pisciano. Um momento de fluidez e oportunidades, de ganhos e novas possibilidades. Contactos e conversas que trazem outros ares, boas notícias e novidades para a sua rotina. Um lindo céu para estudar ou viajar, para se movimentar e sair da rotina.

País



Quedas do rio Mueembeje

As Quedas de Mueembeje têm uma altura de cerca de 100 metros e estão localizadas no município de Cazengo, cidade de Ndalatando, a capital da província do Cuanza Norte. É um dos pontos de atracção turística da cidade. Por estar localizado, a escassos quilómetros da cidade de Ndalatando, muitos dos habitantes da urbe aproveitam o local para se deleitar das águas do rio e degustar algumas iguarias da terra.

Fazem anos esta semana



Adão de Almeida

Adão Francisco Correia de Almeida nasceu no dia 13 de Maio de 1979. Jovem, dinâmico e amigo dos seus amigos, Adão de Almeida é actualmente o ministro da Administração do Território e Reforma do Estado. Casado, é filho de Adão Francisco de Almeida Júnior e Maria Antonieta de Castro Correia de Almeida.

Álvaro Macieira

Álvaro Macieira é jornalista, escritor e pintor. Nasceu a 13 de Maio de 1958, em Sanza-Pombo-Uíge. Esteve durante oito anos nas Forças Armadas de Libertação de Angola (FAPLA), onde se especializou em Comunicações. A sua faceta de pintor foi revelada em 1998.



Manuel Bango

Jovem e dinâmico, Manuel Bango nasceu no dia 13 de Maio, numa das zonas nobres de Luanda: o bairro da Maianga. Ligado ao associativismo juvenil católico, Manuel Bango, é um rostos principais dos eventos juvenis da Igreja Católica na cidade de Luanda. Humilde e afável, Bango é um homem ligado à literatura.

João Francisco

Quadro sénior da Agência Angola Press (Angop), João Francisco desempenhou ao longo de várias décadas, o cargo de delegado provincial da Angop, no Bengo. Transferido actualmente para a direcção central em Luanda, João Francisco é dono de uma pena jornalística de se lhe tirar o chapéu como soe dizer-se na gíria. Veterano nas lides jornalísticas, João Francisco é uma figura de referência da Angop.



Saiba

Marimba

A **Marimba** é uma corruptela do termo Madimba em Kimbundu e Ndjimba em Còkwe. A Marimba, é uma espécie de xilofone cultivado e executado com maior incidência na comunidade histórica Kimbundo, cujo centro de difusão se encontra em Malanje entre os Yambangala, Mbondo e os Ngola Jinga. As suas variantes vão desde os xilofones directos, considerados os mais antigos, aos curvos que têm quinze a dezanove teclas e correspondem ao número de câmaras de ressonância constituídas por cabaças presas com cavilhas de madeira e cordas. A marimba executada e tocada no Cuanza Sul entre os Libolo é de formato curvo ao passo que no planalto central, esse instrumento que não é típico dessa região, mas que foi introduzido pelos Gingas e Còkwe, é pequeno, com doze teclas de trinta centímetros de comprimento e dez de largura. No leste esse xilofone é conhecido como Ndjamba onde em tempos idos, os tocadores Sangulungou e Sacalo (lê-se Satchalo), foram considerados como "artistas de impressionantes virtudes". A mandimba ou marimba pode ser tocada por dois ou três mestres ao mesmo tempo que manejam os jindanji já Kuxita mandimba (varas preparadas com ndundo ou borracha para tangerem as teclas). Hoje, a marimba continua a assumir o seu papel nas diferentes cerimónias que vão desde as fúnebres, aos rituais de iniciação, casamentos, ou em momentos íntimos de lazer. Cada cerimónia tem músicas específicas que traduzem o contimento de alegria, de tristeza ou de infortúnio. O som da marimba é também um elemento da auto-consciência da comunidade que produz esse instrumento da música angolana. Em Luanda, este instrumento musical encontra-se no Museu de Antropologia.

Fonte: Céu Grilo/Sapo Angola



REVELAÇÃO NA CENA CULTURAL LUANDENSE

Reina a Renata na “stand-up comedy”

Renata Torres é uma figura cada vez mais conhecida no seio desta nova geração de artistas que vão sustentando a cena luandense. A desdobrar-se, ela assume-se atriz, modelo, produtora, guionista, realizadora, performer, académica (professora vinculada ao departamento de Artes Visuais do Instituto Superior de Artes) e feminista. Conheçamo-lá um pouco mais

Matadi Makola

Renata não é de passar despercebida, e não somente pela sua altura, que atinge, até ao momento, pouco mais de metro e oitenta. Para já, tanto em palco como fora dele, ela denuncia não poder mais desarmar-se completamente da sua postura cénica.

E reconhece: “Quando olho para trás, percebo que sempre fui o que sou hoje, tanto profissional quanto emocionalmente, apenas fui amadurecendo. O teatro veio apenas justificar a minha existência nesse mundo, me ajudou a perceber por que eu sentia o que sentia, por que eu queria o que queria. Posso não estar em palco, mas vivo o teatro todos os dias”.

À força dos clichés socialmente instalados, e potenciado pelos seus penteados e indumentária peculiares, a pinta de artista logo lhe sobressai.

Renata nasceu em Luanda, em 1987. Segundo conta ao Caderno Fim-de-Semana, em tenra idade era apelidada “Baixinha”, começando apenas a ganhar altura na fase da adolescência. “Tenho actualmente 1,82 m. O meu apelido em casa já foi ‘Baixinha’, porque, acreditem ou não, eu não era uma criança alta, comecei a ‘esticar’ por volta dos meus 16/17 anos. Mas, de modo geral, sempre estive muito confortável com o meu corpo. Mesmo sendo extremamente magra, os ditos pretendentes nunca se sentiram intimidados com a minha altura”, explica.

Obviamente, na fase em que os “ditos pretendentes” não se sentiam intimidados, ela já possuía os “condimentos naturais” que a levariam às passarelas: alta e magra, como ditam os pressupostos vigentes no meio artístico em causa. “Já fui manequim, mas hoje desfilo apenas por convite”, pontualiza.

Formada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (Brasil), Renata Torres possui formação técnica e complementar em Teatro, Moda, Cinema, Fotografia e Dança. Esse Brasil que tanto a marcou pode ser flagrado na forma como ela procede à entoação de determinadas palavras. Mas, ao que ela explica, não é só no linguajar que o Brasil a marcou: esse país foi o palco

de um ambiente proporcional da sua maturação e tomada de consciência de si mesma: “A minha vivência lá foi essencial para que assumisse o meu lugar no mundo, de uma vez por todas. Precisei de me afastar do quadro para poder ver a pintura completa”, defende.

Índia por dentro

Pulando de continente, a Índia, na vida de Renata, também é arrolada como espaço de descoberta, tanto que numa determinada rede social aquele país quase continente é reclamado como seu local de nascimento. E sobre essa Índia que lhe nasce por dentro, Renata responde: “Calma, eu não nasci na Índia, pelo menos não dessa forma convencional. Esse evento (nascimento) tem mais a ver com questões espirituais do que biológicas propriamente ditas”, esclarece.

Se alguma vez chegou a sonhar, como é comum nas meninas, com um casamento de grandes pompas, a subir para o altar da igreja vestida de branco? Ela diz um “não”, repleto de saúde: “Nunca! É difícil de crer, porque se criou a ideia de que toda a menina sonha com isso. Mas é mentira! Eu acreditava ser uma espécie de bicho por não ter o mesmo anseio, mas com o passar do tempo percebi que era apenas a mais sincera. Existem muitas meninas que nunca sonham com isso, só o dizem porque é o que se espera delas. A hipocrisia das pessoas me bloqueou, nesse sentido, mas hoje consigo perceber que o maior desafio, mais do que assinar papel e usar aliança, é morar junto”.

Hoje Renata Torres é assumidamente feminista, bastante conhecida por defender os conceitos desta causa na imprensa angolana. Embora se posicione contra os rótulos, ela exibe a “etiqueta” mais pela comunhão da força associativista. “Não gosto de rótulos, nunca gostei, mas entendo a necessidade deles existirem. Sempre fui ‘problematizadora’, descobri apenas que muitas das ideias que defendo se enquadram dentro do movimento feminista”, diz.

Falar a sério

Renata Torres protagonizou uma grande apresentação a solo de “stand up comedy”

na noite do dia 12 de Abril (uma sexta-feira), no Elinga-Teatro. Desde a sátira aos temas que são da agenda da política actual à crítica de costumes à mwangolê, ela discorreu sem tabu e fez pleno uso da liberdade que este género permite, tanto que examinou exaustivamente a relação “puxa-puxa” entre os membros da CPLP, da qual resultou o seguinte entendimento: “Portugal não é país irmão: é pai”, para grande risada da plateia que lotou o Elinga.

“A ‘stand up comedy’ deu-me uma disciplina que o meu espírito livre negligenciava. Você pode ter essa visão crítica, pode entender como sarcasmo e ironia, mas como traduz isso em arte? E como faz para ter graça? Obviamente, eu complemento com a ‘memória do corpo’, um conceito que desenvolvo a partir da performance artística”, justifica. Relativamente aos assuntos “irritantes” que muitas vezes abundam na esfera política, Renata Torres é das que não abre mão da liberdade: “A política não é privada”, avisa.

Ainda no mês de Abril, foi ela que inaugurou a rubrica “Manda Bocas”, promovida no novíssimo espaço cultural Casa Rede, situado à Avenida Brasil. Na ocasião, em tom de provocação, Renata atirou: “Há quem só sabe que atriz é aquela que participa na novela da Semba”, levantando assim uma questão de empatia público/artistas e privilegiados/enteados, que ela agora detalha.

“Não há empatia. De modo geral, as pessoas mencionam a Semba, porque é a entidade com produções de ficção mais recentes na TV, e até aí é normal, mas os actores que não participaram nessas produções são tratados como uma classe inferior de actores, isso é o que sinto, o que não faz sentido porque faz-se muito teatro cá, e de qualidade”, sustenta.

“Parto Rosa”

Em Março deste ano, Renata levou o monólogo “Parto Rosa” para o Brasil, onde levou a cabo quatro apresentações, em diversos espaços de São Paulo, sob a alçada da produtora cultural Aline Matos. Posteriormente, em Abril, encenou uma performance teatral na Fundação Arte e Cultura, em Luanda.



DOMINGOS CADÉNCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Estreado em 2017, no Centro Cultural Brasil-Angola, “Parto Rosa” traz na trama o desabafo de várias mulheres que se cruzam em palco, em que cada uma reflecte sobre a sua presença e condição numa sociedade onde a autoridade masculina prevalece. Na sua carreira de trabalhos para os próximos tempos está incluída a pretensão de fazer

um circuito universitário com este espectáculo.

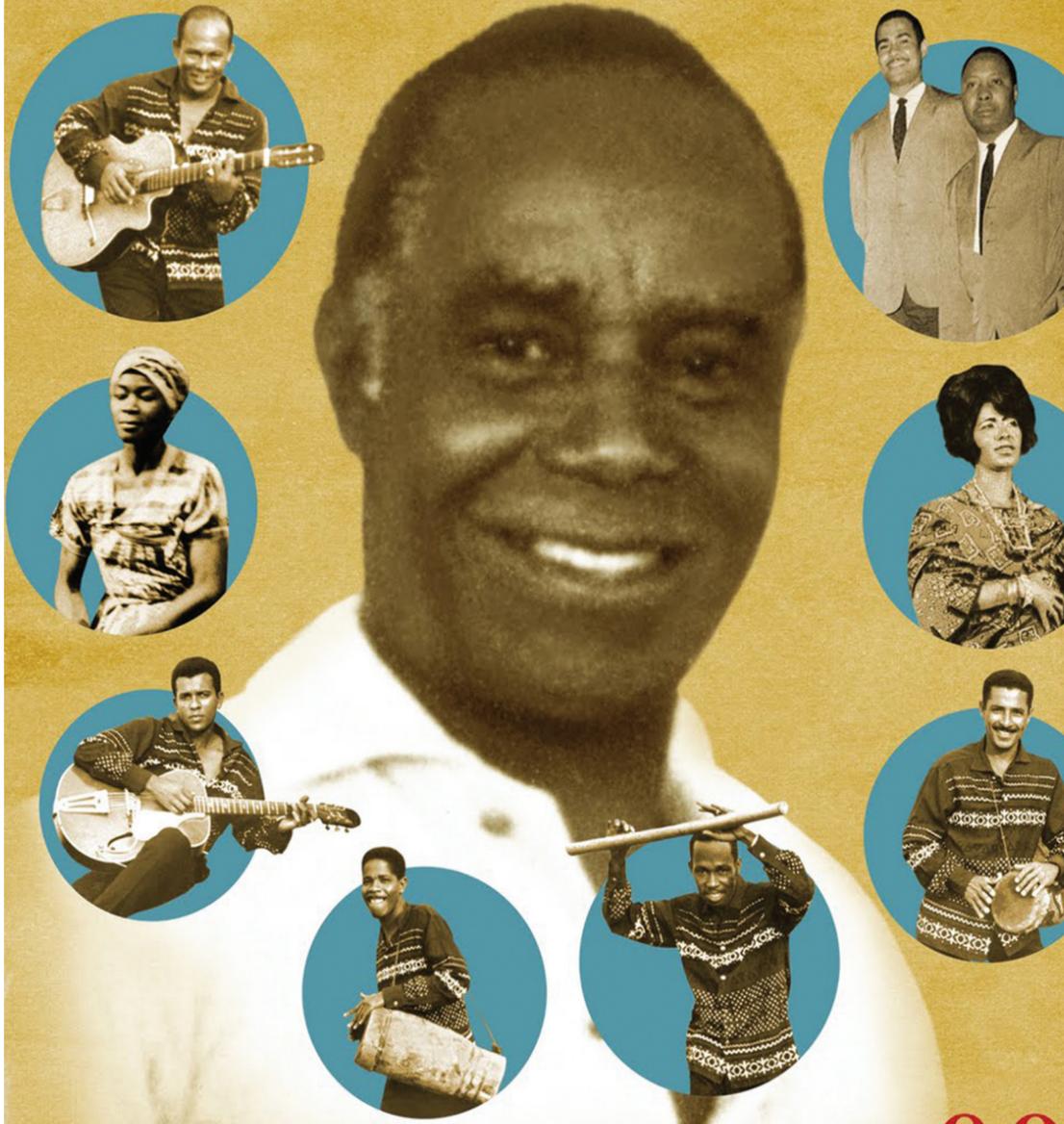
No espectáculo que ela protagonizou no Elinga, e a que já nos referimos acima, ela chegou a atingir 1 hora e 30 minutos de performance, para espanto da produção e deleite da plateia, que de tão entretida nem deu pelo passar do tempo, que inicialmente tinha sido proposto para pouco menos de 50 mi-

nutos. “Eu tinha um texto de 1 hora e 30 minutos de duração, por falta de comunicação a produção não sabia, facto que os fez entrar em parampas”, justifica-se.

A verdade mesmo é que por se sentir “na sua praia”, mostrou-se ávida e teve fôlego suficiente, “reinando” à vontade naquela noite inesquecível para os que a acompanharam.

EDIÇÕES NOVEMBRO

o lendário

"TIO LICEU"**Ngola Ritmos**

UM DOCUMENTÁRIO DE JORGE ANTÓNIO

100 ANOS DE LICEU VIEIRA DIAS

**Homenagem
a uma das
maiores
figuras da
história de
Angola**

O nacionalista Carlos Aniceto "Liceu" Vieira Dias, fundador do agrupamento musical Ngola Ritmos e considerado por muitos o Pai da Moderna Música Popular Urbana Angolana, foi durante sete dias alvo de intensas homenagens pelo centenário do seu aniversário natalício. O promotor das celebrações, que contaram com a participação de familiares, contemporâneos, amantes e pesquisadores da música angolana, foi o Centro de Estudos Africanos da Universidade Católica de Angola (UCAN). Fizeram parte da agenda de eventos uma conferência, exposição de fotografias, apresentação de livros e exibição de filmes

Analtino Santos

As atividades começaram na terça-feira, 1 de Maio, dia em que se Carlos Aniceto Vieira Dias estivesse em vida completaria exactamente 100 anos. O primeiro dia das celebrações foi marcado por testemunhos de familiares e momentos emotivos. Nas instalações do Centro de Estudos da UCAN, no Largo das Escolas, depois das saudações da Reitoria, foram expressos importantes testemunhos, como o do filho, o músico Carlitos Vieira Dias, que realçou não apenas o lado artístico do pai, muito marcado pela música clássica, iniciado com aulas de piano e a música brasileira. Carlitos Vieira Dias destacou o facto do pai ser um homem de fortes convicções e o seu envolvimento com o nacionalismo. Também revelou que tinha apenas 11 anos

quando o pai foi preso pelo regime colonial.

Uma outra revelação, desconhecida por parte dos presentes e omitida pelos políticos e determinados segmentos da sociedade, foi feita pelo primo, Dom Filomeno Vieira Dias, que depois de ter apresentado o tema "O Homem e o Nacionalista", falou da cumplidade e hostilidade de alguns padres católicos. De uma forma pedagógica e conciliadora, foi forçado a responder à pergunta sobre o ostracismo que Liceu viveu nos anos que se seguiram à Independência. Depois de ter feito o enquadramento histórico, com menção ao anseio pela liberdade, às contradições internas, abandono da causa, traições e outros aspectos que acontecem na vida de qualquer movimento de libertação, sem rodeios afirmou que o

envolvimento de Liceu Vieira Dias na Revolta Activa, dentre outras desilusões, determinou o seu ostracismo.

Era tanto o incómodo, que quando um grupo de cidadãos realizou uma homenagem a Liceu Vieira Dias, onde o etno-musicólogo Jorge Macedo fez uma apresentação, o Bureau Político do MPLA saiu, de seguida, com uma nota manifestando o seu posicionamento. O clérigo afirmou que apesar deste "irritante", Liceu não sofreu outras represálias e sempre teve o carinho da população.

O nacionalista Amadeu Amorim, colega de Liceu no Ngola Ritmos, também falou, na primeira pessoa, sobre a influência de Liceu e a ousadia que teve de estilizar ritmos locais para uma audiência de colonos e da elite africana. Reconheceu a capacidade de Liceu Vieira Dias em transportar para a guitarra o que

recolhiam e ouviam de proveniência das zonas rurais. Também citou Manuel dos Passos como sendo o homem que recolhia e tinha maior conhecimento da "outra" realidade vivida pelos nativos.

Amadeu Amorim, que também esteve na cadeia com Liceu, confidenciou que na época em que estavam no Tarrafal e ouviram as gravações de conjuntos como Os Kiezos, Jovens do Prenda e outros, que começavam a se destacar, reconheceram que estes conseguiram dar outras sonoridades à música angolana e apelaram para que tivessem cuidado, para não serem explorados em função da qualidade das obras.

Homenagem poética

No primeiro dia da conferência ainda houve declamação de poesia, com Amélia da Lomba e Quesinha Van-Dúnem, pseudónimo

da magistrada judicial Pulquéria Van-Dúnem. Foram declamadas duas obras poéticas que citam Liceu Vieira Dias e os Ngola Ritmos, uma de Agostinho Neto e outra de Ernesto Lara Filho. Se na primeira Neto lembra as faras e cita Liceu como um herói, na segunda Lara Filho fala de um funeral onde as canções do Ngola Ritmos seriam tocadas. Na voz de Amélia da Lomba sentiu-se a abrangência nacional da figura de Liceu Vieira Dias, comprovada pela sobrinha Pulquéria Van-Dúnem, que com emoção deu o testemunho do que viveu da relação entre o pai, Antoninho Van-Dúnem, e o seu primo Liceu, mostrando que mesmo em Benguela, onde residiam na altura, os feitos do primo e do grupo não passavam despercebidos.

O momento cultural com o grupo coral da UCAN, a inauguração da exposição fotográfica e a leitura e assinatura de uma petição pública para atribuição do nome de Liceu Vieira Dias ao Largo do Cruzeiro, marcaram o primeiro dia. A presença, mesmo doente, do coordenador do grupo de cidadãos que em meados dos anos

1980 ousou realizar uma quinzena em homenagem a Liceu Vieira Dias, o professor, homem de cultura e sindicalista Manuel de Victória Pereira, num dia que para o mesmo teve o duplo sentido de celebração da vida e obra de Liceu e do Dia do Trabalhador, foi um dos destaques.

Novos paradigmas

Carlitos Vieira Dias esteve muito interventivo e com abordagens surpreendentes, muito porque algumas pessoas negam-se a aceitá-las ou estão dispostas a ouvir

O momento cultural com o grupo coral da UCAN, a inauguração da exposição fotográfica e a leitura e assinatura de uma petição pública para atribuição do nome de Liceu Vieira Dias ao Largo do Cruzeiro, marcaram o primeiro dia

outras narrativas. Como músico, Carlitos é cuidadoso e diz que carece de investigação assumir que o Samba teve origem no Semba. Mas a grande quebra de paradigma que o guitarrista impôs foi quando demonstrou, com uns toques de violão, o distanciamento rítmico do Semba e da Massemba, revelando que do pai ouviu que a Kazukuta está na base do Semba, que apenas passou a chamar-se assim porque foi uma forma dos assimilados apropriarem-se do ritmo, dando-lhe uma outra “levada” e afastando-se do rótulo “kazukuteiro”, como eram tratados os africanos que não pertenciam a esta classe de colonizados.

Num dia muito musical, Kizua Gourgel falou da influência de Liceu Vieira Dias na música moderna angolana. O artista, que tem recuperado temas do repertório do histórico grupo, defendeu a inclusão das sonoridades dissonantes na música angolana, sustentando que as mesmas, quando bem doseadas, não fazem mal e estão presentes em todos os géneros musicais. Um exemplo de artistas nacionais que recorrem a estes acordes são Filipe Mukenga, Ruy e André Mingas, Carlos Lopes, Filipe Zau, assim como os jovens que apostam em fusões musicais.

Importa salientar que Carlitos Vieira Dias disse que,

nos últimos anos, o seu pai foi introduzindo estas notas em temas seus, numa altura que o piano e a guitarra voltaram a fazer parte da sua vida. Carlitos, depois de tocar nas mais emblemáticas formações da música angolana de raiz, incluindo os Ngola Ritmos, tem sido um dos músicos mais profícuos no uso dos acordes dissonantes.

Abordagem científica

O terceiro dia ficou reservado para os conferencistas, que, no período na manhã, abordaram o painel “A música de Liceu Vieira Dias e do Ngola Ritmos e a história social angolana”, que foi moderado por Jorge Gumbe, artista plástico e director do ISART-Instituto Superior de Artes. Esse painel contou com a participação da americana Marissa Moorman, do brasileiro Washington Nascimento e do angolano Jomo Fortunato, respectivamente com as propostas temáticas “Liceu Vieira Dias e a sua acção musical”, “O papel da música na construção da Nação” e a “A materialização do Semba”.

Os conferencistas internacionais, ambos historiadores, prenderam-se à história social angolana, valorizando a importância dos espaços físicos e do Kimbundu como língua franca. A elite assimilada africana e sua influência no nacionalismo angolano, dentre outros

aspectos ligado à música e à construção da Nação foram tópicos percorridos por Marissa Moorman, autora de um livro sobre o assunto.

O brasileiro Washington Nascimento, ainda na mesma linha, afirmou que durante as suas pesquisas, mesmo quando não estava interessado na questão musical, Liceu Vieira Dias era uma personagem-chave. O interesse na figura alargou-se depois de tomar contacto com o livro dos jornalistas angolanos Drumond Jaime e Hélder Barber, onde entrevistam actores políticos que citaram Liceu como personagem central, falaram da sua dimensão política e do sentimento de afectividade por ele. Nascimento fez uma apresentação cronológica dos ritmos brasileiros, em paralelo relacionando as duas sociedades, e terminou com um trecho de uma novela brasileira onde “Birim Birim” é entoada numa cerimónia fúnebre.

Jomo Fortunato retomou um texto seu publicado no *Jornal de Angola* há quase uma década, onde de forma historiográfica fala da renovação estética da música angolana. O crítico musical e um dos maiores investigadores da música popular angolana, teve de enfrentar um público que se mostrou convencido com a perspectiva apresentada por Carlitos Vieira Dias, relativamente

à origem do Semba. Sempre mantendo que o seu ponto de partida é a Massemba e não a Kazukuta, Jomo Fortunato sustentou um debate acalorado, que teve de ser activamente moderado e “equilibrado” por Mário Rui Silva, outro pesquisador musical de créditos firmados, que alertou para a necessidade da questão ser levada à discussão num fórum de especialistas, com o uso da partitura musical e da tecnologia, para registar os sons.

Depoimentos ricos

A segunda parte dos debates consistiu numa mesa redonda, rica em depoimentos de figuras da sociedade civil e parentes. Podemos destacar as participações do nacionalista e juiz jubilado Rui Clinton, o arquitecto Troufa Real, o deputado Vicente Pinto de Andrade, o general Paulo Lara, o músico e realizador do programa radiofónico da RNA “Poeira no Quintal”, Dikambu, o compositor Soky dya Nzenze, o jornalista e autor de um livro sobre música angolana José Weza, o coordenador do evento, Nelson Pestana Bonavena, dentre outros, com contributos que ajudam a melhor compreender não apenas a obra e a música de Liceu Vieira Dias e do Ngola Ritmos, mas também aspectos periféricos da história sócio-cultural e da política nacional.

Depois dos dias dedicados aos debates, houve tempo para que Mário Rui Silva, com o seu violão, mostrar alguns dos temas que resultaram da pesquisa que realizou junto de Liceu. Na Liga Africana, no sábado, o guitarrista que depois de ter-se destacado na chamada música moderna fez a transição para a música de raiz, não conteve as lágrimas de emoção ao cantar Ngola Ritmos, proporcionando um dos momentos mais fortes de todo o cenário. O domingo foi o dia dedicado à liturgia, com a realização de uma missa em memória de Liceu Vieira Dias e uma romaria ao Cemitério do Alto das Cruzes.

Um ponto alto foi a participação de Marissa Moorman, Soky dya Nzenze, José Weza e Bonavena no programa radiofónico “Conversa à Sombra da Mulemba”, comandado por Drumond Jaime e Raimundo Salvador e emitido nas tardes dominicais na Rádio Ecclesia. Outro ponto alto foi a sentada musical no Largo do Cruzeiro.

Os dois momentos foram igualmente férteis em revelações. No programa radiofónico a conversa teve detalhes antes poucos explorados, com destaque para a formação dos Ngola Ritmos em paralelo com os movimentos políticos que precederam a criação do MPLA,

assim como a inclusão de um elemento pouco citado, o nacionalista Matias Miguel, que esteve na linha da frente desta formação artística e teve uma vida totalmente entregue ao nacionalismo angolano.

A questão da música de intervenção foi debatida. Sem rodeios falou-se do 27 de Maio de 1977, sendo esta parte da discussão marcada pela frase de Soky dya Nzenze: “Com a morte dos elementos do Trio da Saudade [David Zé, Urbano de Castro e Artur Nunes] perdeu-se parte do legado de Liceu”.

Ainda houve tempo para, no penúltimo dia, no Salão Nobre da UCAN, realizar-se uma conversa com Amadeu Amorim, que resultou numa discussão acalorada com a participação dos estudantes e outros interessados. Carlitos Vieira Dias manteve o seu posicionamento quanto à origem do Semba e discordou de Amadeu Amorim, defendendo que resultou de vários estilos. As projecções dos filmes “O Ritmo do Ngola Ritmos”, de António Ole, que durante muito tempo foi censurado, e “O lendário Tio Liceu”, de Jorge António, assim como a apresentação do livro “Ritmos da Luta”, da autoria de Fernando Carlos, foram actividades que aconteceram nesta semana comemorativa, que encerrou com uma Gala no Cine Tropical.

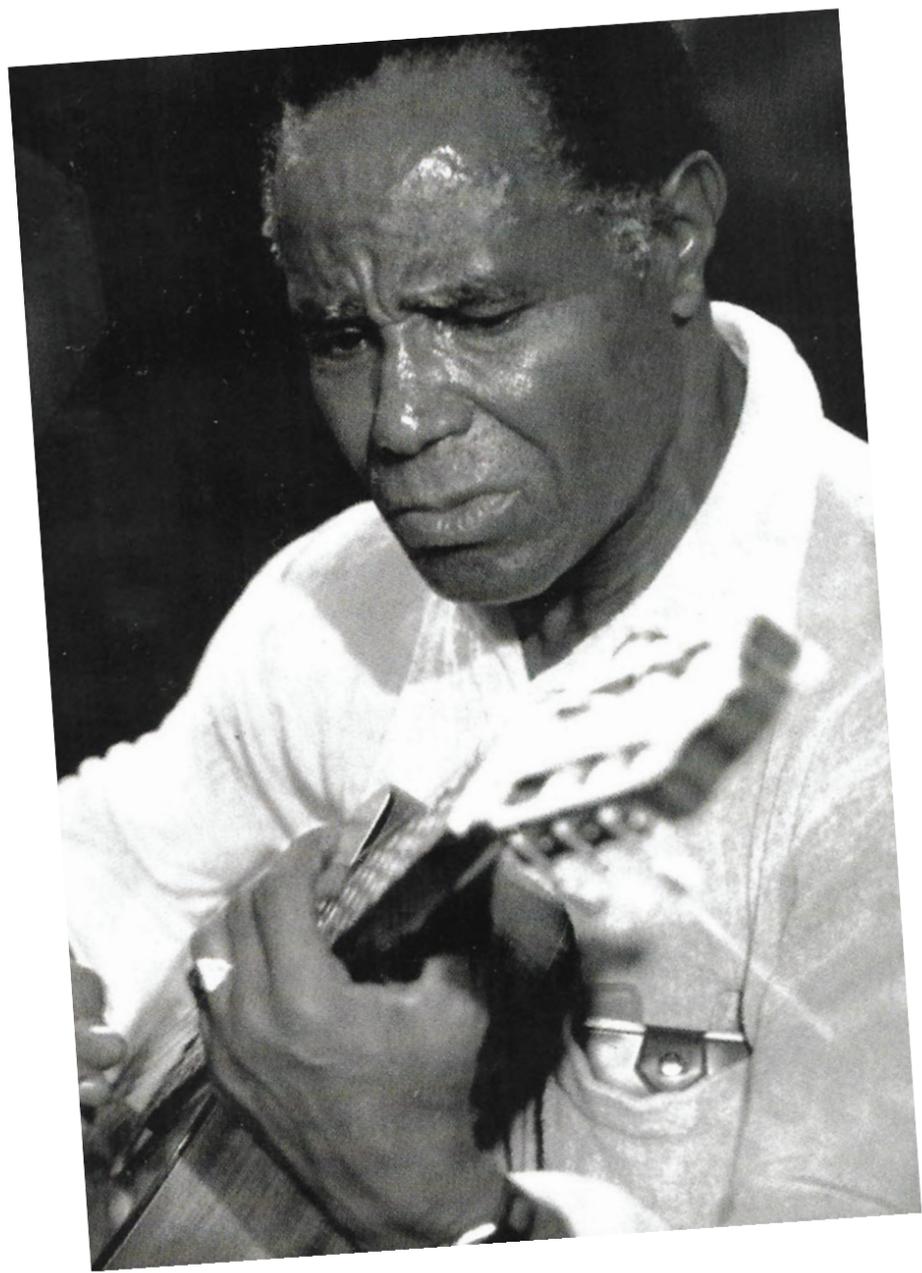
Gala a fechar

A Gala, diferente dos eventos anteriores onde as cadeiras vazias dominavam a cena, teve uma forte presença dos convidados. A noite de festa contou com a participação de Dumay Missete, que em Kimbundu e na companhia de Quelinha Van-Dúnem, declamou o poema “Içar da Bandeira”. Nguami Maka foi outra

proposta, assim como uma formação artística liderada por Lito Graça, com inclusão de Zé Manico e Dina Santos, interpretou canções recriadas pelo Ngola Ritmos.

Carlitos Vieira Dias e Mário Rui Silva também mostraram o seu potencial e o que carregam em si do acervo musical do homenageado. A noite fe-

chou com uma simbiose entre todos os músicos participantes a reviverem em palco o Quintal do Tio Liceu, emocionando toda a plateia, a partir da qual Ferdinando Vieira Dias, filho mais-novo do Tio Liceu, acompanhou o fecho das actividades de homenagem a uma das grandes figuras angolanas do século XX.



SOBA GRANDE DO UÍGE FALA EM SUA DEFESA

**Resgatar e dar valor
ao poder tradicional**

Aos 15 anos de idade, ainda no tempo colonial, frequentava ele a 4ª classe na localidade do Caondo, município de Mucaba, Miguel Vingo Filho teve a primeira experiência sobre o poder tradicional quando o soba grande da aldeia o submeteu ao ritual de “saltar a bengala”. Feito isto, o seu peso normal reduziu de 40 para 15 kg, como se constatou ao ser pesado na balança da Polícia colonial, que pretendia recrutar o jovem para o serviço militar

Joaquim Júnior | Uíge

Conta Miguel Vingo que não queria ingressar na vida militar, tendo por isso ido à procura do soba grande de Caondo, onde estudava, pedindo para que fosse submetido a uma “preparação” que o colocasse na condição de inapto para a vida militar. “O mais velho, que tinha o sobrenome Vengueta, mandou-me saltar a sua bengala por três vezes. Isso foi suficiente para perder o meu peso corporal, e conseqüentemente, ditar a minha desqualificação para o serviço militar”.

Resolvida a situação, com o peso do corpo restabelecido, afirma o próprio, Miguel Vingo interiorizou-se “do poder e da importância do poder tradicional e da sua contribuição na defesa dos povos nativos”.

Hoje Soba Nvingo

Passaram os anos, o mundo girou, o país tornou-se independente, o menino de 15 anos cresceu e hoje é mais conhecido por Soba Nvingo. Actualmente, ele que nasceu na aldeia de Muanda, no município da Damba, tem 74 anos e é o presidente da Associação das Autoridades Tradicionais (ASAT) na província do Uíge. É também o soba grande do Uíge.

Miguel Vingo Filho fazia parte de uma linhagem da soberania tradicional da região. Pertence a tribo Ngu-lu-a-Nsakala, que já teve como sobas Nsaka-a-Mbunga, Mbanda-a-Yakala, Tunga-dia-Mbunga, entre outros.

Obviamente, cresceu rodeado de fortes tradições. Na sua trajetória viu e viveu inúmeras cenas que despertam a curiosidade de qualquer um. Além do ritual que lhe diminuiu o peso corporal, entre outras experiências eventualmente melhor compreendidas num contexto tradicional, aprendeu a “repelir os maus espíritos de um bairro, a travar tempestades, a transformar uma aldeia numa mata ou a torná-la invisível para defender os seus habitantes”.

Enfim, dizemos nós, são coisas do espírito, da tradição e de um mundo movido pelas crenças oriundas dos ancestrais. Acredita quem quiser, ou tiver olhos para ver, ouvidos para ouvir e uma mente limpa de preconceitos para compreender.

Rituais de protecção

Soba experiente, Miguel Vingo usa o domínio que tem das coisas e dos fundamentos da tradição em prol da protecção das coisas da modernidade. É como se ele se situasse precisamente na fronteira entre o tradicional e o moderno e fosse o guardião dos dois mundos.

Como ele explica, na recepção de uma entidade recém-nomeada para dirigir uma província, município ou comuna, os regedores ou sobas devem obedecer ao ritual de recepção usando objectos como “mpemba” (pó branco feito de argila), que significa “alegria”, “matondo” (pó acastanhado feito com mistura de raízes), que significa “agradecimentos”, folhas de “malembalemba” para “apaziguar os espíritos”, “macazo” (cola) a significar unidade ou união, e o “sal de cozinha”, que no contexto significa “palavras doces”.

“A aplicação do ritual obedece aos seguintes passos: a autoridade tradicional deverá colocar o governante, ora empossado, assentado no chão de um jango ou de uma casa protocolar. Ungindo-o com o ‘mpemba’ sobre a face, em conjunto devem comer o ‘matondo’, o sal de cozinha e no fim o ‘macazo’. Após isso pegará a mão esquerda da entidade, colocará ele em pé e então deverá apresentá-lo às demais autoridades tradicionais, com gestos de boas vindas”, narra Soba Nvingo.

Bens públicos seguros

Miguel Vingo revela que, ao participar na inauguração de uma infra-estrutura oficial, o soba oferecerá aos “deuses da terra” gestos de humildade. Antes do corte da fita, deverá aspergir o maruvo (seiva de bordão), proferindo



as seguintes palavras: “O território está sob minha autoridade, vós os que já adiantastes no mundo dos mortos, recebam o maruvo como sinal da nossa petição à vossa protecção da infra-estrutura”.

O passo seguinte, prossegue o soba, é pegar a mão direita do representante do Governo e fazer-lhe a entrega da tesoura. Assim ele estará “autorizado” a inaugurar o empreendimento. Esse ritual, explica o soba, visa “prevenir o desabamento da obra e outros acidentes malignos”.

Disputas entre sobas

Nos últimos tempos, segundo Miguel Vingo Filho, muitos cidadãos querem ser sobas ou seculos. “Basta organizar uma pequena comunidade na localidade onde reside e se auto-denomina logo autoridade tradicional”.

É uma situação que a ASAT quer banir, pois no dizer do seu representante máximo na província do Uíge, a luta para ascender ao cargo de soba indicia crise de valores e o amor exacerbado ao dinheiro proveniente dos subsídios que o Governo dá aos sobas. “Muitos caíram na vingança e na cobiça para ocupar a posição tradicional, mesmo sem conhecimento das regras e ritos. Mas isso vai acabar, com o novo levantamento que vai ser feito na província”, garante soba Nvingo.

Mucaba guardiã

Dados do Ministério da Administração do Território e Reforma do Estado atestam que até 2014 a província do Uíge possuía 7.359 sobas, número que precisa ser reajustado. Entre os municípios por si já visitados, na qualidade de responsável provincial da ASAT, o soba Miguel Vingo considera o de Mucaba como “o que mais guarda e ainda cumpre muitos dos rituais deixados pelos ancestrais”.

Miguel Nvingo disse querer ver recuperado este domínio através de um trabalho de retransmissão e “insinuação” das práticas tradicionais perdidas ao longo dos tempos por conta da guerra e do advento da globalização.

Soba Nvingo está a efectuar uma digressão que o levará aos 16 municípios da província do Uíge, para abordar os seus colegas, os regedores, sobas e alguns mais velhos “conhecedores das artes que mantinham a segurança e o respeito ao poder das lideranças no seio dos clãs, aldeias e povoações”.

Com algum desencanto o soba grande prossegue: “A figura da autoridade tradicional perdeu valor, nas comunidades já não se faz sentir o poder tradicional, tudo porque o poder cultural do soba foi confundido com o poder da Administração Local do Estado. O soba nunca foi e nunca será funcionário do Estado, mas sim representante da autoridade tradicional dos povos nativos”.

Tradição por resgatar

Na visão do “soba grande” do Uíge, a província, nos úl-

timos anos, regrediu muito em termos tradicionais. Soba Nvingo fala da “mistura” da autoridade tradicional com a política e do surgimento de “muitos sobas oportunistas”, sem o conhecimento profundo da tradição. Ele estima que actualmente, num universo de 100 sobas, apenas dez dominam os usos e costumes locais, sobretudo “a capacidade para resolver problemas familiares, óbitos, retirar pragas, entre outras”.

Para Miguel Vingo Filho, uma autoridade tradicional seria “tem poder tradicio-

nalmente comprovado e aceite, não pode ser uma pessoa dada ao álcool e a outros comportamentos negativos, mas sim respeitada pelo povo que dirige. Deve conhecer a tradição local, no caso contrário é um administrativo ou soba emprestado”.

O soba Miguel Nvingo defende a sensibilização e retransmissão dos hábitos e costumes às novas gerações. Quer que se investigue “aqueles sobas que foram introduzidos na ordem tradicional por força da guerra,

mesmo sem terem domínio do poder tradicional, e que se procurem os mecanismos da sua substituição ou invalidação da autoridade que detêm, para devolver o poder aos autóctones que conhecem e guardam os segredos ancestrais”.

Transmissor de valores

Segundo afirma ainda, a autoridade tradicional deve cumprir o papel de transmissor de valores culturais e morais aceitáveis na convivência social, e com isso ajudar no fortalecimento das

instituições do Estado, “que hoje se debatem com grandes problemas ligados a ausência dos valores culturais e morais em todas as suas vertentes”.

Soba Nvingo tem o seu credo assente numa filosofia. “Queremos materializar o pensamento do primeiro presidente, António Agostinho Neto, que defendia o retorno às tradições”.

As autoridades tradicionais, no entendimento do líder da ASAT, são como que “juizes de base”, a quem recai a responsabilidade de dirimir conflitos conjugais

ou familiares e repreender pessoas que tenham violado princípios comuns nas suas comunidades.

“Hoje, por tudo por nada, os cidadãos recorrem ao Serviço de Investigação Criminal para formalizar queixas-crimes. Julgamos nós que há situações que podem ser resolvidas no fórum tradicional”, diz o soba grande do Uíge, exemplificando com as situações de briga de crianças, o roubo de um cacho de banana e as acusações de feitiçaria, que muitas vezes desembocam em mortes.



BAIRRO SANTO ROSA

Memórias de um lugar onde nem tudo eram rosas

A maioria das referências geográficas nos antigos musseques de Luanda eram as lojas dos grandes comerciantes, razão pela qual a toponímia recaía quase sempre sobre os nomes dos antigos lojistas portugueses. Em muitos casos, ainda hoje perduram as antigas denominações. É o caso do Bairro Santo Rosa, uma localidade situada no Distrito Urbano do Sambizanga

César André

Segundo relatos de antigos moradores, o nome foi atribuído à circunscrição pelos primeiros habitantes, em homenagem a um casal português que se instalou lá nos anos 1960: o senhor Santos e a Dona Rosa.

“Esse comerciante era uma das principais referências do bairro, razão pela qual os mais velhos decidiram atribuir o seu nome à localidade”, diz o ancião Simão João, antigo morador.

Por clara interferência das línguas bantu, berço cultural da maioria esmagadora dos moradores, a palavra “Santos”, no âmbito da coloquialidade, não tardou a perder o “s” final, passando a pronunciar-se “Santo”, logo, o bairro passou commumente a chamar-se “Santo” Rosa. E assim ficou na história e na memória de todos.

Simão João explica, no seu jeito peculiar, que o Santo Rosa é, ao fim e ao cabo, um bairro transversal, onde em alguns trechos a sua identidade se mistura com a de outros. “O Santo Rosa é um bairro, que, saindo do São Paulo até ao Travasso, é o Sambizanga. Do Travasso até a rua 12 de Julho é o Musseque Mota. Da rua 12 de Julho atrás do Campo Mário Santiago é o Bairro da Lixeira”.

A circunscrição, que nasceu na década de 1930, era uma zona de grande comércio, que iniciava na área onde está hoje o mercado do São Paulo e se estendia até a zona adjacente à Padaria Pamelí.

Além do enorme recinto na zona da Pamelí havia um grande espaço baldio na área comercial do Mondego, onde foi erguido o actual Prédio do Livro. Era lá, segundo João Cambuela, 64 anos, antigo morador, que “os garotos jogavam o futebol e se reunia toda a malta para conversas ‘afiadas’”.

Cambuela assegura que nos anos 1960 e 1961 havia no São Paulo espaços para jogar a bola, para andar de trotineta e caçar pássaros. “Além disso os garotos do antigamente gostavam de ir às barrocas da Textang recolher objectos para o suporte das suas brincadeiras”.

Cambuela conta que os garotos do seu tempo, quando “fugassem” da Escola dos Marrecos, pertencente à dona

Rosa, iam à praia da Moraia ajudar os pescadores a retirar o peixe da rede ou a puxá-la.

As ruas eram magníficas, recorda Cambuela sem conseguir disfarçar o sentimento de nostalgia. “As pessoas podiam assobiar de uma ponta para outra da rua para chamar alguém, que de imediato se apercebia e vinha logo ter consigo. Deste ponto (zona da Andorinha Preta) em que nos encontramos eu conseguia divisar sem grandes engenharias o Bairro Operário”.

No Largo do Mondego, onde foi edificado o Prédio do Livro, os comerciantes Santos Rosa, Travassos e Pereira eram os símbolos e as referências obrigatórias.

Nem tudo eram rosas

Mas nem tudo era um mar de rosas no antigo Bairro

Santo Rosa. Uma das questões marcantes, na sequência dos acontecimentos de 1961 (4 de Fevereiro e 15 de Março) eram as grandes rusgas orientadas por agentes da PIDE. Nessas rusgas, conta João Cambuela, os mais velhos eram tirados das suas casas a pontapés e levados para o campo do Santo Rosa. “Este local foi o ponto de concentração dos mais velhos apanhados nas primeiras rusgas, que ocorreram aqui em Luanda, na região do Sambizanga”.

Daí eram transferidos para os vários locais de interrogatório. “Era bastante humilhante e revoltante ver os mais velhos de joelhos ou sentados no chão, a serem interrogados e selvaticamente violentados”, diz João Cambuela.

Uma das coisas que mais

o marcou foi o facto de, pela primeira vez, em 1961, ter visto um tanque de guerra na área do Mondego, quando as autoridades policiais portuguesas procediam ao interrogatório e revista aos nativos na condição de detidos.

O bairro estava em pânico. Revoltados com as ocorrências no Norte e Sul do país, os portugueses procediam a retaliação em alguns musseques de Luanda. E o Santo Rosa era um dos bairros mais visados.

“Tivemos de passar a dormir junto à Administração do Sambizanga, para não sermos mortos nas nossas casas. O administrador de então era o chefe Dias”, salienta João Cambuela, que acrescenta: “Havia um plano macabro. Eles (os colonos) podiam disparar

mortalmente contra todo o autóctone que vissem na rua a noite”.

Cambuela explica ainda que os meninos de 17 e 18 anos tinham de ir à Administração, para dormir, mascarados ou disfarçados de bessaganas, porque “corriam o sério risco de serem mortos”.

Emblemática Casa Branca

A Casa Branca é uma referência histórica do Bairro Santo Rosa. Não se pode falar desta circunscrição sem abordar os feitos do comerciante que por lá se instalou nos anos 1950. Aquele imóvel assinala a fronteira entre os bairros Santo Rosa e Musseque Mota.

Relatos de alguns moradores apontam que a lendária Casa Branca passou a chamar-se assim porque o seu proprietário, um por-

tuguês de Trás-os-Montes, pintava mensalmente de branco o seu imóvel. Devido a essa acção era, naquele tempo, o imóvel mais vistoso do bairro. O estabelecimento comercial tornou-se referência obrigatória. Lá eram comercializados produtos de primeira necessidade, incluindo água potável, que era acarretada pelos autóctones em barris.

A Casa Branca entrou na história da música angolana através de uma composição de Joy Artur, onde se faz menção a um comerciante de nome Chico Burro, que vendia precisamente água potável.

Nem todos os comerciantes portugueses eram sensíveis aos problemas das populações. Uns além de racistas chegaram a ter fama de assassinos. É o caso do Sousa, popularmente



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

apelidado Caçador, Costa da Fuba e Porco Sujo. Tímido pela população, era corpulento e peludo. Ele fugiu para a sua terra de origem pouco antes da Independência.

Dos comerciantes “sensíveis” as referências avultam para Sumba Futa, que tinha a fama de proteger os larâpios do bairro. “Ele não deixava prender nenhum gato, porque era para a sua loja que eles iam vender os artigos roubados”, testemunha Simão João, vulgo “Saman-guana”, antigo morador.

Os caixeiros viajantes e outros transeuntes de origem portuguesa eram as principais vítimas dos gatunos do Santo Rosa, que se apoderavam preferencialmente de relógios, brincos e outras joalharias.

Figuras lendárias

Do ponto de vista geográfico o Santo Rosa é um bairro umbilicalmente ligado à cidade do asfalto. Nele nasceram, cresceram e viveram inúmeras figuras de destaque. São os casos do Manuel Quilengues, Man’Lourenço, Augusto Lote, Rangu, José Cardoso, Só Pretinho, Adão Ngol, Capemba, dona Rosa Benedito e Dalila, filha da Joana Arantes.

Dos mais velhos do bairro eram muito falados o velho Artur, que tinha um supermercado no Miramar, Manuel Canviye, kota Lote, o velho Antas (pai do Júlio Antas), Ana Imperial, senhor Costa (pai do falecido Marito, que foi treinador do Santos Futebol Club), bem como os irmãos Antoninho e Manuel Quilengues.

Na área do Sete e Meio moraram o kota Manuel Lixa (falecido pai do craque Mantorras), André Cassesse, Mestre Zito, Simão João, Chico Zé, Lito Paulo e Neto Grande. Havia ainda o Filipe, o Zé Queta (um kibalista muito “planista”), o Capequeno, o kota Esperado, o Dodó Zé (uma figura ilustre do motocross e muito controversa no bairro), o Fiel Didi, o Godó, entre outros.

O velho Manuel Lixa (pai do Mantorras), segundo conta Simão João, “era muito agres-



sivo e quando estivesse a lutar tinha sempre a tendência de sacar o formão para desferir um golpe ao adversário. Era muito complicado enfrentar o kota Manuel Lixa”.

Já António Quilengues era rude em matéria de cabeçadas. “Uma vez o Nando Mayombola foi ao bairro e de lá saiu derrotado”. Mas tinha também, ainda no dizer de Simão João, o kota Rangu, um indivíduo “muito perigoso”.

“Se ele te metesse no cafrique era um perigo”, explica a nossa fonte.

À semelhança destes grandes lutadores, havia também o Chico Gigante. “Ele lutava muito. Não me lembro dele ter perdido uma luta, quando acabávamos de jogar batota”, diz Simão João, que faz questão de incluir entre os grandes lutadores da época Joana

Arantes, referenciada numa das canções de Bonga, “uma senhora corpulenta que gostava de lutar contra homens. Ela era irmã do falecido senhor Berlas. Ela não tinha meias medidas. Um homem para a vencer tinha de ser mesmo forte”.

Futebol e dérbis

O Bairro Santo Rosa era povoado por jovens talentosos, excelentes executantes de futebol. Foram os casos do Man’Pó, Cafumana, Capemba, Simão, Miúdo Lote, Império, Janguelito, Nené, Adão Ngolo, Bonducho e Marito, entre outros.

Na década de 1950 fundou-se o Santos Futebol Club Santos Rosa, onde brilharam os jogadores Neto Malamba, Xexerinho Ndoma, Vicente, Cardoso, Zozima, e tantos outros.

O Santos Futebol Club

Santos Rosa chegou a participar no célebre Torneio Cuca e foi o primeiro campeão do Torneio Bukavu. Esta formação esteve na origem do Club Progresso Associação do Sambizanga, que teve em Bonducho a pedra fundamental.

Antes da criação do Progresso existia igualmente no bairro o Clube Andorinha Preta. “Como havia muitos craques da bola e no clube principal (Santos Futebol Clube do Santos Rosa) não havia lugar para todos, entendemos formar outro clube, o Andorinha Futebol Club”, diz Simão João.

Os embates entre as duas formações eram bastante aliciantes e geralmente disputados nos campos do Sporting da Mussera, Benfica de Kinzau, Barreirense da Barra do Dande e Académica do Ambrizete. Todos esses campos situa-

vam-se no Sambizanga.

Vivências juvenis

“Era lindo de ver as garotas a passar. Antigamente os jovens eram muito unidos, não havia a delinquência que existe hoje. Sabíamos quando é que o carro da polícia iria aparecer e nas noites frias reuníamos-nos próximo a loja do senhor Santos Rosa, para tratar de assuntos do nosso interesse”, relembra, com ar de segredo, Manuel António, antigo morador. “Às vezes, para nos divertirmos, provocávamos os polícias. Em grupo íamos ao mercado do São Paulo para ‘mexer’ nos produtos das quitadeiras, só como diversão”, acrescenta.

Manuel António conta ainda que, noutras vezes, ele e o seu grupo de amigos iam à Padaria Pamelu roubar pão e quando vissem a polícia desatavam a correr e iam passar o resto do dia na praia

da Sadil, próximo da antiga Casa Reclusão. Tinham ainda como diversão as idas ao cinema, às farras ali no Faria, Braguês, Salão do Cabinda Ritmo, Kudissanga e no Desportivo do São Paulo.

No musseque Santo Rosa os becos eram labirintos onde os jovens namorados trocavam carícias e beijos. O bairro era iluminado por candeeiros elétricos estrategicamente implantados em cada esquina. As moradias eram iluminadas com candeeiros de lata, dotados de uma pequena chaminé. Quem tivesse mais possibilidades financeiras adquiria o famoso candeeiro Petromax.

A água potável não era problema: os habitantes além de acarretar a partir da Casa Branca iam buscar a água aos chafarizes implantados pela administração colonial.

CANTOR TINO DYA KIMUEZO

Filho dilecto do bairro

O músico Faustino Manuel, conhecido nas lides artísticas como Tino dya Kimuezo, nasceu no Santo Rosa em 1941. Filho de Manuel Faustino e de Joana Manuel Lourenço, fez os estudos primários sob a batuta do professor José Correia, na escola Santa Teresinha, no actual bairro Tondela, Município do Sambizanga.

Tino dya Kimuezo sempre esteve associado às movimentações artísticas dos bairros por onde passou. Em 1956 funda o grupo Angolanos do Ritmo, passa posteriormente pela Turma do Rio de Janeiro, integra o grupo Bessangana e

faz parte de uma pequena formação denominada Os Mengues, no Bairro Sambizanga.

Em 1958 integra a Turma do Bairro Cuba, desta vez no Bairro Rangel, uma das formações mais sólidas a que pertenceu, como vocalista.

Ainda no Rangel fez parte da Turma Nguba, em 1960, com Bicas (também conhecido por Milagre), Catarino, Palma, Miguel (irmão do Catarino), Mungo e Zeca, nomes que cita com visível saudade.

Além da sua entrega à música Tino dya Kimuezo trabalhava nos Altos Fornos Ngola, próximo da fábrica Vilares.

Em 1962, fez parte da fundação dos Sobongos, formação musical do Instituto Artístico Social de Angola, no Bairro Sambizanga, com Victorzinho da Popa Russa, Adão Mateus, Adão Nehru e Neto Cabrita. O conjunto era frequentemente convidado para animar festas e era presença infalível na fábrica Textang.

Conhecido no início da sua carreira por Kazumbi, Faustino Manuel, a conselho e baptismo do empresário musical Braguês, passou a ser chamado Tino dya Kimuezo por usar uma farta barba, à semelhança de Elias dya Kimuezo.



“KUNANGA OU BISCATEIRO”

E se eu fosse apenas professor?

Ser professor já foi tido como trabalho de muito respeito e consideração social. Agora, desde que os fugitivos à tropa e outros sem habilidades para coisas mais sérias inundaram a nobre profissão de formar e transformar a nova geração, ela tornou-se uma “simples ocupação”

Soberano Kanyanga

E se eu fosse apenas professor? Eventualmente, fosse chamado kunanga ou biscateiro.

Certa vez, apresentando-me a uma jovem aparentemente esbelta mas cujo cérebro, cheguei a avaliar, era de gafanhoto, que me perguntou “o que é que eu era” e tendo-lhe respondido “professor”, a “cientista da petulância” teve mesmo a coragem de perguntar:

– Só és professor e não fazes mais nada?!

Tal é a forma mesquinha como os professores são muitas vezes encarados pelos entes sociais. Vamos aos... poucos.

Quando era jornalista no activo e ministrava aulas à tarde, a pergunta que as pessoas me colocavam quando se apercebessem das minhas ocupações profissionais era:

– Ah, tu és jornalista e das aulas à tarde, né?!

Vejamos: ser jornalista,

eventualmente, por ser profissão liberal “equivale”, no conceito de alguns, a um “não trabalho”, pois para essas pessoas o trabalho significa passar todo o dia no local da prestação de serviço como o “fazem” os funcionários públicos ou colaboradores de empresas transformadoras/fornecedoras de produtos e de serviços.

“Por ser profissão liberal “equivale”, no conceito de alguns, a um “não trabalho”, pois para essas mesmas pessoas o trabalho significa passar todo o dia no local da prestação de serviço”

Para os tais, ser, por exemplo, estivador no porto, pe-

de fossas (também socialmente úteis) é o que equivale a ser trabalho/trabalhador, sendo o uso da força o maior qualificador profissional.

Em conversa com dois meus antigos mestres, foram unânimes num pequeno detalhe. Diziam eles que “ser professor já foi tido como trabalho de muito respeito e consideração social. Agora, desde que os fugitivos à tropa e outros sem habilidades para coisas mais sérias inundaram a nobre profissão de formar e transformar a nova geração, ela, a profissão, tornou-se aos olhos de muitos como uma ‘simples ocupação’, um biscate ou ‘refúgio dos que têm tempo de sobra’, fim de citação.

Já tive um período de aproximadamente cinco anos em que o regime de trabalho, a inexistência de escolas particulares de nível médio e/ou superior com aulas nocturnas e a distância entre o local em que trabalhava/habitava e a cidade



PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

mais próxima (Saurimo) me inibiram de “dar aulas.” Nessa situação, eu era para as pessoas que retrato um trabalhador. No entender deles, entregava-me cabalmente ao patrão, à semelhança do que dizem fazer os funcionários públicos, bancários e outros.

– O fulano trabalha no banco xis. O beltrano trabalha

no Porto do Dande. A sicrana trabalha no Maria Pia (hospital). O André dá aulas.

– A Andreia o quê que faz? – É jornalista!

Vejamos o que me dizem/perguntam, agora que sou funcionário público e professor.

– Ai é? Trabalhas o dia todo e das aulas à noite?

Vejamos o que me dizem/perguntam, agora que sou funcionário público e professor.

deles, enquanto funcionário do Estado (administração pública), trabalho. Já como professor, mesmo que fosse em escola pública, não trabalho. Apenas dou aulas!

Nem juntando ao ofício da educação o de jornalista sou trabalhador...

E se fosse simplesmente professor, ministrando aulas à noite, o que diriam de mim?

COMER EM CASA



Massa com camarão

Ingredientes

- 1 pacote de macarrão;
- ½ de chávena de azeite;
- 1 cebola (picada);
- 2 dentes de alho (amassados);
- 500 gr de camarão (limpo);
- 1 espinafre (picado);
- 2 tomates (sem sementes e picados);
- sal e cheiro-verde (picado);
- queijo parmesão (ralado).

Preparação

Cozinhe o macarrão numa panela com água quente e um pouco de sal. Escorra a água e reserve. Aqueça uma frigideira grande com o azeite, em fogo médio, e refogue a cebola, o alho e o camarão por 3 minutos. Junte o espinafre, o tomate, o sal, o cheiro-verde e refogue por 5 minutos. Misture com o macarrão cozido, transfira para uma travessa e sirva polvilhado com o queijo parmesão.



Bolachas de açúcar

Ingredientes

- 1 ½ chávenas de açúcar;
- 1 chávena de margarina;
- 2 ovos;
- 1 chávena de natas azedas;
- 2 colheres de chá de fermento de bolo;
- 8 chávenas de farinha de trigo;
- raspa de 2 limões;
- 1 colher de chá de essência de baunilha.

Preparação

Trabalhe o açúcar, a margarina, os ovos e as natas azedas (use iogurte ou leite azedo, se não tiver natas) até obter um creme fofo. Adicione os ingredientes restantes, misture bem e guarde em lugar fresco (melhor na geleira) durante 30 minutos. Estenda numa espessura de mais ou menos 5 mm e polvilhe com açúcar. Passe com uma garrafa ou rolo por cima, ligeiramente, e corte em bolachas com uma forma ou um copo pequeno. Coloque em cima de tabuleiros e asse em forno médio (18°C) durante uns 10-12 minutos.



Ponche tropical

Ingredientes

- casca de 2 ananases;
- 1 colher de chá de gengibre (ralado);
- 1 chávena de sumo de limão;
- 1 ¼ chávena de açúcar;
- 1 litro de gasosa (tipo sprite ou pine cola de ananás);
- 1 ½ litros de água e 2 litros de água gelada.

Preparação

Rasgue a casca do ananás em bocados, coloque numa panela e cubra bem com água. Adicione o gengibre e leve à fervura. Ferva durante uns 5 minutos e deixe arrefecer um pouco. Coe bem. Adicione o açúcar e o sumo de limão. Mexa e coloque na geleira. Misture com água gelada e a gasosa antes de servir. Enfeite com folhas de hortelã.



FICHA TÉCNICA

Título
Grey's Anatomy

Lançamento: 2005

Gênero: Drama,
Romance

Duração: 45 minutos

Director: Shonda
Rhimes



EM EXIBIÇÃO

DStv e Zap
Fox Life

Horário: a partir das 9h00

Episódios: 341

Temporadas: 15

ALUSÕES

Ética

O que é certo? Quando o errado pode ser visto como algo certo ou aceitável? Entre as profissões, a de medicina é a que mais trabalha com a “ténue linha” da ética. Os dilemas são comuns nesta profissão. Um dos episódios comuns, já várias vezes explorado mesmo noutras séries do género, é, por exemplo, decidir quem vive: a mãe ou o filho (no caso das gestantes). Nestas alturas a ética é essencial, porém nem sempre ela é seguida as riscas, porque, às vezes, o consentimento de terceiros atrasa ou impede que o médico salve uma vida.

Companheirismo

Enquanto humanos estamos todos sujeitos a errar. Quando os erros são cometidos no campo profissional é que se vê ou conhecem os verdadeiros companheiros. Em medicina essas falhas são comuns e diárias. Geralmente são somadas aos problemas da vida pessoal de muitos dos seus profissionais, ou as circunstâncias do dia-a-dia, e acabam por “descambar” no domínio laboral. Nestas alturas ter colegas/companheiros chega a ser uma luta de “ar fresco” para respirar e voltar a subir. Porém, a realidade é outra e precisa ser invertida para, no futuro, os colegas/companheiros não serem o obstáculo.

ANATOMIA DE GREY

O drama quotidiano de quem salva vidas

Salvar vidas é um trabalho que deve ser feito com brio. A TV nunca esteve distante deste “mundo”. Séries sobre medicina são parte da sua “grelha” há anos. Muitas foram canceladas. Outras permanecem. Hoje são uma homenagem à estes profissionais no Dia dos Enfermeiros

Adriano de Melo

Séries sobre medicina são sempre muito comuns na televisão. Criar uma capaz de prender o público ao longo de todas as suas temporadas é um desafio único. “Anatomia de Grey” é uma das que chegaram ao “pequeno ecrã” e já conseguiram conquistar fãs. Os seus temas são dos mais variados, mas sempre mostram a prontidão e disponibilidade no sonho de tudo fazer pelo bem-estar dos outros.

Numa data como a de hoje, em que se celebra o Dia Internacional do Enfermeiro, elogiar o trabalho destes profissionais, que, às vezes, apesar das poucas condições, trabalham para salvar vidas, é recordar algumas séries que mostraram, por anos, a entrega e dedicação de “quem abraçou a pobreza” por uma causa maior, como os médicos e enfermeiros.

Ao longo de anos muitas foram as séries a enaltecer o trabalho dos médicos. Desde os mais extrovertidos (como o arrogante



Série explora o dia-a-dia dos profissionais de saúde

Dr. Gregory House, da série “House”) aos mais caricatos (como o jovem autista Shaun, de “The Good Doctor”) todas elas tinham um aspecto comum: a genialidade do médico.

Porém é em séries como “Anatomia de Grey” ou mesmo “Chicago Med” (uma das mais novas da TV em exibição), que vemos a necessidade e a importância do trabalho em equipa e o papel dos enfermeiros e dos demais auxiliares de saúde (inclusive os das áreas

técnicas) no salvamento da vida de um paciente.

Situações caricatas, pacientes em estado crítico, ao ponto de que qualquer decisão tomada deve ser fundamental é o que “Anatomia de Grey” nos dá para reflexão, como forma de criar uma paixão mais forte pela medicina, em particular nos mais jovens, e mostrar as dificuldades destes profissionais de saúde em salvar vidas.

Os problemas que existem entre eles, assim como na criação de um bom am-

biente de trabalho entre médicos e enfermeiros também é muito bem explorada na série, que foca, geralmente nos casos das salas de urgência e emergência do hospital em que os pacientes chegam, quase sempre, em estado grave.

Apesar dos vários dramas e dificuldades pessoais que vivem, estes profissionais da saúde têm feito, diariamente, um esforço para realizar a sua profissão com brio e dedicação. Séries como “Anatomia de Grey” mostram o quão importante é vermos (melhor imaginar) um pouco os dramas e a pressão social que alguns vivem e, às vezes, acabam por transportar para o serviço.

A série, que actualmente está no seu 15º ano e já teve vários rostos conhecidos da TV e do cinema no seu elenco, é a melhor homenagem para os profissionais da saúde.

Pelo sucesso desta produção, entre o público e os críticos, o canal norte-americano ABC decidiu anunciar a renovação da série para mais duas temporadas (16ª e 17ª).

ALTOS



Temas actuais sobre saúde

Uma parte do êxito de “Anatomia de Grey” se deve a profundidade das histórias de cada episódio, quer pelas patologias apresentadas ou pela forma que cada um dos médicos e enfermeiros lidam com o assunto. Todos estes os pequenos detalhes continuam a manter a série no activo e a torna-la numa das mais emblemáticas da TV, por ser das mais longas ainda em exibição sobre medicina.

BAIXOS



A limitação temática

Embora a série seja uma homenagem ao cirurgião inglês Henry Gray, autor do clássico livro “Gray's Anatomy”, a produção da ABC ainda traz uma “pequena” limitação na abordagem dos temas, pois existem doenças que apesar de serem tão complicadas, no tratamento, acabam por ser resolvidas com uma solução, às vezes, muito simples. A causa pode ser, em parte, o tempo de antena. Mas é preciso que os produtores prestem atenção a este detalhe, tendo em conta o número de alunos de medicina que vêm na série uma forma de aprenderem mais sobre a sua especialidade.



O APLICATIVO DISPONIBILIZA PARA SÍ E PARA O MUNDO, A OFERTA DA NOSSA PRODUÇÃO NACIONAL.

FAÇA JÁ O DOWNLOAD!

SIMPLES, RÁPIDO E GRATUITO.

Disponível na
Google play

Disponível na
App Store

PRODESI
PROGRAMA DE APOIO À PRODUÇÃO, DIVERSIFICAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES.





SIGA

FÁBRICA DE PLÁSTICOS PARA QUÊ IMPORTAR SE PODE TER A SOLUÇÃO EM ANGOLA

SE PRECISA DE :
**SACARIA PARA O SEU NEGÓCIO:
LOJA, SUPERMERCADO,
FARMÁCIA, LAVANDARIA, ETC...**
**-BOBINES, TELAS,
MANGA TERMO-RETRÁTIL, ETC...**
**-SACOS VIVEIRO, LIXO,
LIXO HOSPITALAR ETC...**
-SACOS PARA BANANEIRA

SIGA ATE NÓS:
TELF. 923 283 786. 912 641 939
EMAIL. COMERCIAL@SIGA-AO.COM



(6.091)



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DE RECURSOS MINERAIS E PETRÓLEOS
DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS

EDITAL N.º 37/DNRM/2019
2.º AVISO

Em conformidade com o estipulado no artigo 104.º do Código Mineiro e tendo em conta que a Empresa **MOONSTONE, LDA** requereu os direitos mineiros para a prospecção de **Mármore**, numa superfície de 50 Ha, situada na Serra das Neves, Comuna do Capangombe, Município da Bibala, Província do Namibe, com as coordenadas geográficas a seguir discriminadas, são notificadas todas as pessoas singulares ou colectivas para junto à Direcção Nacional dos Recursos Minerais fazerem valer os seus direitos, sob pena de preclusão do direito à reclamação, no prazo de 15 (Quinze) dias, a contar da data da publicação deste Edital.

Vértice	Latitude	Longitude
A	15º 08' 24'' S	12º 56' 17'' E
B	15º 08' 10'' S	12º 56' 32'' E
C	15º 08' 33'' S	12º 56' 50'' E
D	15º 08' 45'' S	12º 56' 38'' E

DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS, em Luanda, aos 7 de Maio de 2019.

O DIRECTOR NACIONAL
André Francisco Buta Neto

(6.122b)



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DE RECURSOS MINERAIS E PETRÓLEOS
DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS

EDITAL N.º 35/DNRM/2019
2.º AVISO

Em conformidade com o estipulado no artigo 104.º do Código Mineiro e tendo em conta que a Empresa **FORSIM, LDA** requereu os direitos mineiros para a exploração de **Mármore** para britagem, numa superfície de 50 Ha, situada na Localidade de Caraculo/Serra da Lua, Comuna do Munhino, Município da Bibala, Província do Namibe, com as coordenadas geográficas a seguir discriminadas, são notificadas todas as pessoas singulares ou colectivas para junto à Direcção Nacional de Recursos Minerais fazerem valer os seus direitos, sob pena de preclusão do direito à reclamação, no prazo de 15 (Quinze) dias, a contar da data da publicação deste Edital.

Vértice	Latitude	Longitude
A	14º 57' 43'' S	12º 46' 01'' E
B	14º 57' 42'' S	12º 46' 30'' E
C	14º 58' 00'' S	12º 46' 31'' E
D	14º 58' 03'' S	12º 46' 04'' E

DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS, em Luanda, aos 30 de Abril de 2019.

O DIRECTOR NACIONAL
André Francisco Buta Neto

(5.977a)



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DE RECURSOS MINERAIS E PETRÓLEOS
DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS

EDITAL N.º 39/DNRM/2019
2.º AVISO

Em conformidade com o estipulado no artigo 104º do Código Mineiro e, tendo em conta que a Empresa **MOONSTONE, LDA** requereu os direitos mineiros para a prospecção de **Mármore**, numa superfície de 50 Ha, situada no Morro Cuanhangue, Comuna do Capangombe, Município da Bibala, Província do Namibe, com as coordenadas geográficas a seguir discriminadas, são notificadas todas as pessoas singulares ou colectivas para junto à Direcção Nacional de Recursos Minerais fazerem valer os seus direitos, sob pena de preclusão do direito à reclamação, no prazo de 15 (Quinze) dias, a contar da data da publicação deste Edital.

Vértice	Latitude	Longitude
A	15º 10' 57'' S	12º 49' 55'' E
B	15º 11' 14'' S	12º 50' 14'' E
C	15º 11' 32'' S	12º 50' 09'' E
D	15º 11' 26'' S	12º 49' 52'' E

DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS, em Luanda, aos 7 de Maio de 2019.

O DIRECTOR NACIONAL
André Francisco Buta Neto

(6.122c)



REPÚBLICA DE ANGOLA
TRIBUNAL PROVINCIAL DE LUANDA - SALA DO CÍVEL E ADMINISTRATIVO - 1.ª SECÇÃO

Processo n.º 2977/2016-A

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

==== A Excelentíssima Dra.ª Juíza de Direito da 1.ª Secção da Sala do Cível e Administrativo do Tribunal Provincial de Luanda-----

==== **FAZ SABER**, que por esta Secção correm uns autos de **ACÇÃO DECLARATIVA DE CONDENACÃO**, em que é autora **TEIXEIRA DUARTE – ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES, S.A. SUCURSAL DE ANGOLA**, com sede na Alameda Manuel Van-Dúnem, n.º 318, nesta cidade de Luanda, e ré **AMBIMAGEM, LDA**, com sede na rua do Farol das Lagostas, bairro N'Dala Mulemba, n.º 256, nesta cidade de Luanda, e ora em parte incerta, correm éditos de **20 (vinte) dias**, contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, **Citando a ré**, para no prazo de **20 (vinte) dias**, com **dilação de 30 (trinta) dias**, contestar aos termos da presente acção dentro do prazo legal, sob a advertência de serem considerados confessados os factos articulados pela autora, na acção acima mencionada, sob cominação legal, conforme a petição inicial que se encontra patente no Cartório desta 1.ª Secção da Sala do Cível e Administrativo do Tribunal Provincial de Luanda, sito à rua Amílcar Cabral n.º 27, 3.º andar. -----

Luanda, 23 de Abril de 2019

A JUÍZA DE DIREITO
/HENRIZILDA DO NASCIMENTO/
A ESCRIVÃ DE DIREITO
/LUÍSA DEOLINDA DA C. ALVES A. PAIVA/

(6.056)



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DE RECURSOS MINERAIS E PETRÓLEOS
DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS

EDITAL N.º 38/DNRM/2019
2.º AVISO

Em conformidade com o estipulado no artigo 104º do Código Mineiro e tendo em conta que a Empresa **MOONSTONE, LDA** requereu os direitos mineiros para a prospecção de **Quartzito**, numa superfície de 50 Ha, situada na Localidade de Capolopopo, Município do Virei, Província do Namibe, com as coordenadas geográficas a seguir discriminadas, são notificadas todas as pessoas singulares ou colectivas para junto à Direcção Nacional de Recursos Minerais fazerem valer os seus direitos, sob pena de preclusão do direito à reclamação, no prazo de 15 (Quinze) dias, a contar da data da publicação deste Edital.

Vértice	Latitude	Longitude
A	15º 52' 30'' S	12º 49' 17'' E
B	15º 52' 42'' S	12º 49' 32'' E
C	15º 53' 03'' S	12º 49' 50'' E
D	15º 52' 51'' S	12º 48' 54'' E

DIRECÇÃO NACIONAL DE RECURSOS MINERAIS, em Luanda, aos 7 de Maio de 2019.

O DIRECTOR NACIONAL
André Francisco Buta Neto

(6122d)

SONS DO ATLÂNTICO

Estrelas diante do grande público

Luanda voltou a acolher “Os Sons do Atlântico”, um dos poucos eventos musicais onde o grande público tem acesso às estrelas nacionais mais populares. Paulo Flores e Matias Damásio entregaram-se de corpo e alma nas suas actuações, justificando a respectiva popularidade. Lizha James provou que, afinal, existem músicas moçambicanas que estão na boca dos angolanos

Analtino Santos

Mobbers, o grupo de Hip Hop no top dos gostos da juventude, Noite e Dia, Alison Paixão e Filho do Zua deram igualmente o seu melhor.

Se dos experientes Paulo Flores e Matias Damásio a garantia de uma boa actuação era previsível, para os Mobbers a dúvida imperava. O grupo de e para adolescentes, em alta no circuito de concertos onde o playback impera, não desiluiu na abertura do festival, presenciado por mais de 70 mil pessoas. Dignificaram muito bem o seu álbum “Sob Pressão”, cantando principais hits, tais como “Tá quase”, “Deixa cair geral” e “Hate Tropa”.

A segunda proposta foi Alison Paixão, outro artista que caiu no gosto das plateias jovens, e que, depois de vários anos de luta, continua a fazer parar o país com o sucesso “Alma gémea”, um dueto com Filho do Zua. Alison, antes de terminar a sua actuação, ainda fez vibrar o público com “Minha Maria”.

Filho do Zua iniciou a sua actuação no dueto com Alison da Paixão, o já citado “Alma Gémea”. “Ndoki”, “Tradição perfeita”, “Chinela de 200” e “Saia dela” (o cartão-de-visita do miúdo do Golfe) marcaram a sua participação no concerto.

Kanimambo Angola

Elisa Lisete James Humbane, ou simplesmente Lizha James, apresentou-se com a garra da mulher moçambicana. Fez um espectáculo preparado ao detalhe, com um cover de Michael Jackson, bailarinas sensuais, uma dupla de coristas e um trio de músicos talentosos na bateria, baixo e teclados, que para os mais entendidos ajudaram a segurar a actuação, marcada pelo “backing track” (ou seja, determinados registos provenientes da mesa de som)

Os seus principais sucessos, com a participação de artistas angolanos, como “Vais rochar”, com Anselmo Ralph, “Leva boy”, com Pérola, e “I love you”, com Preto Show, foram cantados pelo público maioritariamente jovem. O dueto com Neide Sofia marcou também a actuação de Lizha James. Um outro momento emotivo foi quando a cantora agradeceu aos angolanos pela

solidariedade com as vítimas do furacão Idai. Para o fecho da actuação, a mentora de Moçambique Dzukuta Panza recorreu a um dos seus temas mais dançantes e electrizantes.

Trio amado

Noite e Dia, ao seu jeito sempre acompanhada por bailarinas que usam e abusam dos toques sensuais, para não dizer mesmo eróticos, não surgiu apenas com um DJ: um baterista e um tamborista deram outra dinâmica a “Abre o livro” e a outros kuduros seus que conquistam as pistas de dança da periferia ao centro urbano.

Paulo Flores e Matias Damásio, músicos que não obstante a popularidade de que desfrutam, raramente apresentam-se para as grandes plateias, sendo mais cartazes de shows em espaços onde os preços afastam até o mais fiel dos admiradores, compensaram esse distanciamento com duas grandes e memoráveis actuações.

Paulo Flores recordou êxitos antigos e mais recentes, sempre com a sua inseparável tropa sem farda, Teddy Nsingui, Pirika Duia, o baixista Mias Galhetas, o baterista Apolinário, Xico Santos e Xavier nos tambores, Gobliss nas teclas e um trio de sopristas cubanos.

Numa semana em que a escassez de combustível pontificou na agenda do dia, a abertura com “Este país está bom” marcou um alinhamento que não se ficou apenas por temas como “Bajú”: o amor esteve também presente com “Coração farapo” e “Cabelos brancos”, assim como na kizombada picante “Kunanga do amor” e na nostálgica e actualíssima “Inocenti”.

Matias Damásio não quis ficar atrás e fez também um brilhante. O artista que enlouquece os tугas nesta nova fase da sua carreira, com Mestre Freddy no baixo e na liderança da banda, fez vibrar os presentes na Baía de Luanda com um reportório rico, com temas como “Voltei para ela”, “Como eu te amo” e tantos outros, que aqueceram a noite. Notável: os dedos mágicos de Benny, nos teclados em “Matemática do amor”, acharam a raiz quadrada dos corações; a inclusão de um grupo coral no tema “País Novo” foi de arrepiar.



Anitta inacessível

Anitta foi a última atração da noite. Ela foi penalizada pelo adiamento da hora e o desconhecimento da sua obra por grande dos presentes. Também, o facto de actuar depois dos furacões Paulo Flores e Matias Damásio a terá prejudicado.

Uma nota que marcou negativamente a passagem da funkeira brasileira, musa da

sensualidade e da sexualidade, foi o excesso de restrições ao trabalho da imprensa, por alegado direito à imagem, quando grande parte das estrelas mundiais que passaram por Angola não impuseram tais restrições.

Assim foi a sétima edição dos “Sons do Atlântico”, um dos poucos eventos onde o público tem uma oferta

de bilhetes de acesso para todos os bolsos.

A Showbizz, a produtora, tem permitido que estrelas nacionais e estrangeiras se apresentem para um público diversificado.

Seu Jorge, Ana Carolina, Mafikizolo, Johnny Ramos, Dina Medina, P-Square, Nelson Freitas, Gabriel o Pensador, Graig David, etc., etc., são al-

gumas das estrelas internacionais que já actuaram nos “Sons do Atlântico”. Quanto às estrelas nacionais, sem deixar, nalguns casos, de ter também uma dimensão internacional, o destaque vai para Eduardo Paim, Yuri da Cunha, Edmázia Mayembe, Yola Semedo, Ary, Nsoki, Puto Prata, Yannik Afroman, C4 Pedro e Kyaku Kyadaff.

Estreias - TVCinel

Amar Pablo e Odiar Escobar

Amar Pablo e Odiar Escobar conta a história da ascensão e queda do barão da droga colombiano, Pablo Escobar Gaviria, fundador do cartel de Medellín, contada pela sua glamorosa amante Virgínia Vallejo, já então uma jornalista colombiana conhecida, com o seu próprio programa de televisão. Brilhante e cheio de ação, Amar Pablo e Odiar Escobar estreou no Festival de Veneza.

Domingo,
às 21h30
Estreia exclusiva no TVCine 1



CHICAGO P.D.

A FOX vai estrear a sexta temporada da conhecida série policial e de investigação "Chicago P.D.", no próximo dia 14 de Maio, às 22h15, com emissão às Terças-feiras no mesmo horário. Este é uma série que segue a vida dos agentes do departamento policial e de uma unidade de elite de Chicago, no combate ao crime organizado e ao tráfico de droga. Sob o comando do sargento Hank Voight (Jason Beghe), a equipa apresenta a sua própria marca de justiça para proteger os cidadãos e defender a lei. Ser polícia em Chicago é, nos tempos que correm, um desafio. As agendas políticas e sociais são fortíssimas e as tensões raciais, juntamente com as agendas individuais de políticos vão marcar a nova temporada. Com a reforma da polícia em pleno andamento, a equipa será forçada a encontrar novas formas de alcançar o seu objectivo final: a justiça. Nesta nova temporada, a equipa de 'Chicago P.D.' está de luto pela trágica morte de Olinsky na prisão, ao mesmo tempo que tentam ilibá-lo dos crimes que era acusado. Voight é suspenso e Dawson luta contra a dependência de analgésicos. Já Upton e Ruzek envolvem-se amorosamente. A série criada por Dick Wolf conta no seu elenco com a participação de Jason Beghe ('Lei & Ordem: Unidade Especial'), Jon Seda ('Chicago Justice'), Jesse Lee Soffer ('Chicago Fire'), Patrick Flueger ('Chicago Fire') e Tracy Spiridakos ('MacGyver').
Terça-feira,
às 22h15,
na FOX

Filmes

Liga da Justiça



Batman e a Mulher-Maravilha vão recrutar uma equipa de meta-humanos para, juntos, fazerem frente à mais recente ameaça mundial. A eles juntam-se Aquaman, Flash e o Cyborg, mas será que chegam a tempo de salvar o mundo?

Domingo - 15h05

Refugiados



Em 2016 o conceituado artista Ai Weiwei viajou por 23 países de forma a retratar histórias de coragem e resistência de uma crise dos refugiados que, até hoje, já obrigou mais de 65 milhões de pessoas a abandonar as suas casas em busca de novas vidas.

Domingo - 15h35

The Florida Project



A história Moonee, uma precoce menina de 6 anos e dos seus amigos, numa férias de verão cheias de possibilidades e aventuras; enquanto os adultos à volta lutam contra dificuldades várias, a escassos quilómetros do mundo mágico dos parques temáticos.

Domingo - 14h55

A Conspiração da Aranha



Sob enorme pressão, um competente polícia que acaba de perder um colega é desafiado a liderar as investigações sobre o rapto da filha de um senador.

Domingo - 14h45

Mais pequenos



A história de Pedrito Coelho

A série conta a história de Pedrito Coelho que vive num lago no norte de Inglaterra. Ele é muito traquino e matreiro, capaz de ultrapassar todos os obstáculos, supera predadores e evita o perigo. Quando crescer o Pedrito quer ser como o seu pai, que é o seu grande modelo. Entretanto, vai vivendo muitas aventuras com os seus amigos, o primo Benjamim e a nova amiga Lily.

Amanhã - 07h30



Elena de Avalor

Conheça a história de Elena de Avalor, uma jovem que, depois de salvar o seu reino das garras de uma cruel feiticeira, precisa de assumir a coroa e aprender a comandar o seu povo, enfrentando desafios e obstáculos com a ajuda de alguns amigos mágicos.

Hoje, 07h30 - 08h00



Chovem Almôndegas

Numa cidade obcecada com sardinhas que não o surpreende, Flint Lockwood é um jovem a tentar mudar o mundo, invenção a invenção. A sorte dele é que a sua melhor amiga e aspirante a meteorologista Sam Sparks, está lá para o ajudar!

Hoje - 08h20



Doodleboo T1

Com alguns traços do seu lápis, Doodleboo consegue sempre fazer um desenho divertido, que ganha vida assim que acaba de ser colorido.

Hoje,
09h22



Futebol

Gelson e Buatu jogam com o Benfica



A equipa dos futebolistas angolanos Gelson Dala e Jonathan Buatu, Rio Ave joga hoje, às 20h00, diante do Benfica no Estádio dos Arcos, na cidade portuguesa de Vila de Conde, para a 33ª jornada da Liga Nos. O conjunto Vilacondense ocupa a sétima posição da tabela classificativa, com 42 pontos, enquanto a formação da Águia está no primeiro lugar, com 81. Dos 59 jogos disputados entre si, a formação dos angolanos venceu apenas cinco vezes contra 43 dos adversários e empataram em 11 ocasiões. Um desafio em que Gelson Dala e Jonathan Buatu pretendem contrariar o favoritismo da Águia, com um triunfo diante do seu público. Como é natural, os aficionados do futebol nacional aguardam por uma excelente exibição e vitória da equipa de Gelson Dala e Jonathan Buatu.

Hora: 20h00
Estádio: Dos Arcos
Na TV: Sport TV 1

Séries

Billions



A ambição e a traição estiveram sempre presentes bem no coração de Billions e, desta vez, os inimigos Bobby Axelrod e Chuck Rhoades vão elevá-las a um novo nível..

Domingo - 00h00 TVSéries HD



PEN15

Maya e Anna andam fascinadas com as raparigas mais velhas da turma que fumam. Ficam assim perante a velha questão: ficar em casa a brincar ao faz de conta ou sair e experimentar drogas?

Quinta, 16 Maio - 21h00

Formação



Voz em Estúdio e ao Vivo

A Mediateca 28 de Agosto ser palco, sábado próximo, de uma oficina de formação de posicionamento da voz em estúdio e ao vivo, com Dodó Miranda e Jeff Brown. A formação enquadra-se no projecto Economia criativa - negócio 100% cultural, uma realização da Nakenis.80.Lda em parceria com a REMA-Rede de Mediateca de Angola. O que realmente é bom vem de maneira escassa. Uma única oportunidade para melhorar a performance vocal ao vivo e em estúdio, com dois grandes monstros musicais. Por um lado uma das melhores vozes de soul e Jazz do País e por outro lado, um dos melhores MC e membros do maior grupo de RAP do País. O Workshop com Dodó Miranda e Jeff Brown sobre o Posicionamento da voz em Estúdio e ao Vivo visa dotar os artistas com conhecimentos sobre como obter melhor resultado com o uso da voz durante uma actuação ao vivo ou em estúdio. Será um evento prático com demonstrações e dicas que irão mudar completamente a forma de realizar uma apresentação musical ou gravação.

Mediateca 28 de Agosto

Artes cénicas

“Teatro no Camões”

O projecto “Há Teatro no Camões” vai apresentar, nos dias 14 e 15 de Maio, um programa que envolve grupos teatrais, actores, encenadores, dramaturgos e reputadas figuras ligadas ao mundo teatral angolano. O Auditório Pepetela do Camões será animado com mesas redondas, debates/conversas e momentos teatrais. As mesas redondas versarão sobre os temas “A Plateia – A Maka do Teatro” e “Os Caminhos da Profissionalização do Teatro Angolano na Apreciação dos Finalistas do CEARTE e ISART”. O momento teatral será com o Colectivo de Artes Santa Isabel, que apresentará a peça “Presente, Futuro”, com a direcção artística de Mpinze Conde Pedro e encenação de Mário Polega.

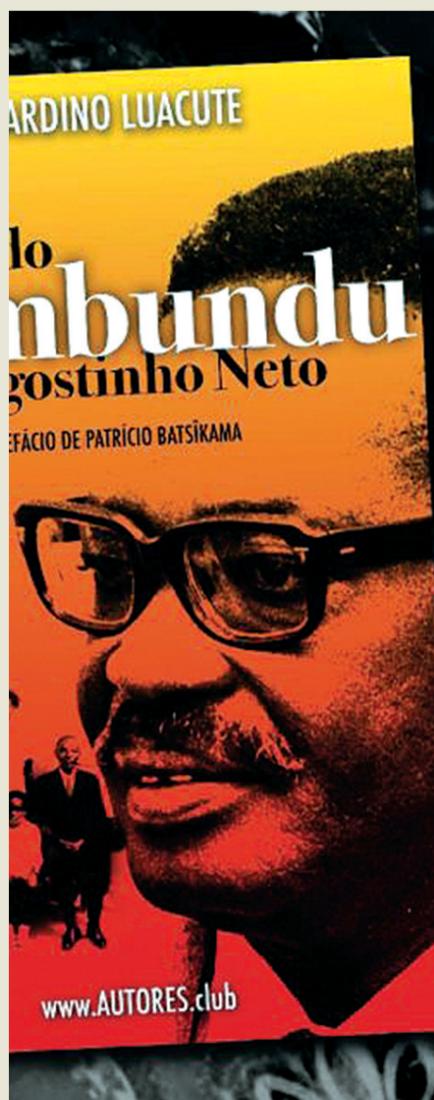
**Dias 14 e 15
17H00
Auditório Pepetela do Camões**

Livros

O Lado Ovimbundu de Agostinho Neto

O autor Bernardino Luacute e a Alendi – Edições, em parceria com o programa Conversa à Sombra da Mulemba, lançam o livro “O Lado Ovimbundu de Agostinho Neto”. O lançamento da obra e exposição sobre vida e obra acontece no Domingo, 19, às 14:00h, na Casa de Cultura & Artes Ubuntu. Um dos temas importantes para, talvez, perceber a personalidade do primeiro Presidente de Angola, versa nas suas origens sociais. Os arquivos metodistas traçam as origens do seu pai, cuja erudição foi apreciada pelos missionários americanos já nos anos de 1920. As origens da mãe não são orquestradas, confessamos ignorar as razões, e isso não faria sentido uma vez que são origens nobres. A sua mãe terá nascido numa ombala, em Balombo, e isso explica parte da herança sociocultural de Manguxi. O presente texto não apresenta uma hipótese de trabalho, mas sim explora um facto histórico: origem meridional do primeiro Presidente de Angola. Patrício Batsikama in Prefácio.

**Domingo
às 14:00h,
Casa de Cultura & Artes Ubuntu**



Filmes Em Exibição (Cinemax)

Guerra Sem Quartel

Actores: Jean-Claude Van Damme, Joana Metrass, David Castañeda, Elijah Rodriguez

Ano: 2019

Argumento: Lior Geller

Duração: 92m

Género: Drama

Realizador: Lior Geller

Sinopse

Cidade de Washington. Símbolo da liberdade e do poder aos olhos dos EUA e do resto do mundo. Mas nas sombras dos monumentos e dos edifícios governamentais reside um submundo muito diferente das conhecidas imagens da capital americana – um mundo governado por gangues violentos e traficantes de droga implacáveis. Desenrolado ao longo de 24 horas no brutal meio da droga de Washington, um jovem hispânico sonha descobrir uma vida nova para si e para o seu irmão mais novo.



Vingadores: Endgame

Actores: Meagan Good, Dennis Quaid, Michael Ealy

Ano: 2019

Argumento: David Loughery

Género: Drama, Mistério

Idade mínima: M/12

Realizador: Deon Taylor

Sinopse

Quando um jovem casal compra a casa dos seus sonhos em Napa Valley, pensa que encontrou o lar perfeito para dar os próximos passos em família. Mas, quando o ex-proprietário (Dennis Quaid) permanece estranhamente ligado à casa e continua a infiltrar-se nas suas vidas, eles começam a suspeitar que ele esconde outras intenções para além de uma venda rápida.



Pokémon: Detective Pikachu

Actores: Ryan Reynolds, Suki Waterhouse, Kathryn Newton

Ano: 2019

Argumento: Nicole Perlman

Duração: 104m

Género: Fantasia, Acção

Idade mínima: M/12

Realizador:

Rob Letterman

Sinopse

Num mundo onde as pessoas colecionam Pokémon para lutar, um garoto se depara com um inteligente Pikachu falante que procura ser um detective.

